

## Direito à poesia: círculos de leitura com pessoas em situação de privação de liberdade em Foz do Iguaçu e região

MORAES, Lucas Leme B. <sup>1</sup>  
MIRANDA, Marco Antonio Figueiredo de <sup>2</sup>  
CHECCHIA, Cristiane <sup>3</sup>  
RODRÍGUEZ TORRES, Mário René <sup>4</sup>

### RESUMO

Este projeto desdobrou-se da experiência de extensão universitária que vem sendo desenvolvida há três anos em duas unidades prisionais de Foz do Iguaçu, o CRESF (Centro de Reintegração Social Feminino) e a PEF 2 (Penitenciária Estadual 2), ambas no bairro de Três Fronteiras. Pretendia-se imprimir a essa experiência já em andamento um desdobramento no presídio feminino de Ciudad del Leste. Em virtude de barreiras institucionais para a concretização deste objetivo, este projeto incorporou-se às atividades da PEF 2. A atividade fundamental do projeto é a realização de Rodas de Leitura e Oficinas de Escrita com mulheres e homens privados de liberdade no interior das prisões. O objetivo mais geral deste texto é compartilhar introdutoriamente algumas das reflexões teóricas no campo da mediação de leitura que têm orientado a prática do grupo, além de compartilhar alguns dos resultados do trabalho na PEF 2.

**Palavras-chaves** : Mediação de Leitura; Direitos humanos; Literatura e desencarceramento

### 1 INTRODUÇÃO

As atividades do *Direito à Poesia* propõe criar um espaço de diálogo, troca e construção coletiva de sentidos dentro de duas unidades prisionais de Foz do Iguaçu, o CRESF (Centro de Reintegração Social Feminino) e a PEF 2 (Penitenciária Estadual 2), ambas no bairro de Três Fronteiras, em Foz do Iguaçu. A atividade fundamental do projeto é a realização de Rodas de Leitura e Oficinas de Escrita com mulheres e homens privados de liberdade no interior destes estabelecimentos. Especificamente neste projeto, pretendíamos estender as atividades do grupo para o presídio de Ciudad del Leste, onde realizamos três reuniões promissoras. Como este plano acabou sendo frustrado por obstáculos institucionais, o projeto acabou integrando-se às atividades desenvolvidas na PEF 2.

---

<sup>1</sup>Lucas Leme B. Moraes é estudante do curso Letras- Espanhol e Português como Língua Estrangeira

<sup>2</sup>Marco Antonio Figueiredo de Miranda é estudante do curso Letras Artes e Mediação Cultural

<sup>3</sup>Cristiane Checchia é docente da área de Letras e Linguística (Literatura)

<sup>4</sup>Mário René Rodríguez Torres é docente da área de Letras e Linguística (Espanhol)

Desde o início, acreditamos que a formação de círculos de leitura nos cárceres da cidade poderia fortalecer uma experiência significativa de aproximação à literatura como um direito humano fundamental, a partir da criação de um espaço horizontal de fala e de respeito entre as/os participantes, reunidos pela fruição do texto literário, no interior de um ambiente de privação de liberdade. Por outro lado, nosso objetivo era também favorecer a formação de mediadores de leitura no ambiente prisional entre os/as participantes, multiplicando o potencial positivo da ação. Não menos importante, do ponto de vista acadêmico, pretendíamos viabilizar, por meio da pesquisa-ação, a formação de estudantes/pesquisadores e futuros profissionais da mediação cultural (no âmbito da leitura), engajados e sensíveis à dimensão humana e social do saber produzido na Universidade.

## **2 METODOLOGIA**

O projeto do qual nossa proposta de oficina é derivada parte do princípio fundamental de que a literatura é um direito humano fundamental, tal como defendido por Antonio Cândido em seu artigo “Direito à literatura” (MELLO e SOUZA, 2004): talvez por seu caráter aberto e muitas vezes contraditório, a literatura perturba e humaniza a nossa condição humana.

Caberia perguntar como é possível fazer valer esse direito a pessoas destituídas das condições mínimas de bem estar, em situações de extrema vulnerabilidade social e psicológica? A antropóloga, Michèle Petit (2010) investiga situações em que a leitura literária serviu como uma tábua de salvação para pessoas que passavam por uma situação traumática (pessoas encarceradas, perseguidas ou em zonas de conflito...). Em meio a situações de extrema adversidade, a literatura permitiu aos leitores pesquisados por Petit, a possibilidade de reinvenção de alicerces de sustentação desses sujeitos em momento de crise.

Além do apoio metodológico que encontramos em Michèle Petit, são bastante inspiradores os estudos de Jorge Larrossa. Refletindo sobre a possibilidade de aprendizagem criada por uma experiência comum de leitura em voz alta, este pensador espanhol fala do jogo de liberdade e amizade que se estabelece entre os participantes de uma roda de leitores: a amizade de serem todos fisgados pelo mesmo texto, mas podendo cada participante ver nele coisas diferentes, imprevistas, sentindo-se todos livres para dizê-lo. Uma roda de leitura deve abrir esse espaço de liberdade, (LARROSA, 1999, p. 145), o que faz dela uma experiência vital no contexto do encarceramento.

### 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os desafios de propor um conhecimento libertador para dentro da penitenciária, além de romper as barreiras linguística e cultural que nos distanciam dos internos, exige constante atenção. E passa por abandonar a antiga ideia de um intelectualismo que se proclame padrão em detrimento dos outros discursos. A privação de liberdade deslegitima a expressão dos corpos; enquanto pretendemos que estes corpos possam resistir e se reinventar por meio da poesia.

Em “O papel do mediador”, a antropóloga francesa Michele Petit discute a importância de terceiros na iniciação à leitura. Com atenção especial a jovens imigrantes e periféricos, afirma que no caso de um “meio em que predomina o medo do livro, um mediador pode autorizar, legitimar, um desejo inseguro de ler ou aprender, ou até mesmo revelar este desejo.”

As reuniões de preparação - teórica e prática - das rodas de leitura devem situar coordenadas sem enrijecer os encontros. E, nesse sentido, o mediador tem de estar sempre atento a novas demandas e estar sensível aos rumos que propõe os leitores/autores. Segundo Petit:

O gosto pela leitura não pode surgir da simples proximidade material com os livros. Um conhecimento, um patrimônio cultural, uma biblioteca, podem se tornar letra morta se ninguém lhes der vida. Se a pessoa se sente pouco à vontade em aventurar-se na cultura letrada a sua origem social, ao seu distanciamento dos lugares do saber, a dimensão das trocas com mediador, das trocas, das palavras “verdadeiras” é essencial.

Instigar a criação literária é também legitimar um sujeito que provavelmente sente sua potência contida pelas grades; e dar vazão a estes sentimentos pode gerar um bonito processo de recuperação de autoestima. Trabalhar o material produzido pelos internos, já em um momento mais avançado do processo, dá visibilidade ao produto da colaboração de Unila e Pef II; e dá visibilidade aos sujeitos já acostumados ao anonimato e às margens de um Estado violento.

### 4 RESULTADOS

Nossa experiência como participantes do projeto “Direito à poesia” vem desenvolvendo, interdisciplinarmente, maturidade importante para a troca de saberes. Como graduandos em Letras, percebemos que o processo de mediação de leitura vem enriquecendo nosso entendimento de ensino-aprendizagem e aprofundando nosso repertório literário.

## 5 CONCLUSÕES

Qual seria a potência da palavra poética ao circular no interior de espaços marcados pelo confinamento e pela ausência de liberdade? A partir da análise da experiência direta proporcionada pelo projeto de extensão *Direito à Poesia*, além da investigação de outros exemplos, temos podido aprofundar nossas indagações sobre o papel da mediação da leitura, e mais precisamente da leitura de literatura, no ambiente carcerário. Temos podido reafirmar a ideia de que, a despeito de todas as dificuldades, as Rodas de Leitura, mesmo que nos ambientes mais adversos, tornam possível a criação de uma comunidade que se reúne na amizade de um espaço de leitura compartilhado, tanto mais livre quanto mais livre for a palavra lida e a voz que a pronuncia, alimentando assim a possibilidade de encontros intersubjetivos criadores e transformadores.

## 6 PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas entrelinhas – o valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

LAROSSA, Jorge. Sobre a lição – ou de ensinar e aprender na amizade e na liberdade. In: *Pedagogia profana – danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. MELLO e SOUZA, Antonio Cândido. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. São Paulo / Rio de Janeiro: Duas Cidades / Ouro sobre Azul, 2004, p.169-191.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura - uma nova perspectiva*. São Paulo: Ed.34, 2008. PETIT, Michèle. *A arte de ler – ou como resistir à adversidade*. São Paulo: Ed. 34, 2010.